



COLAGEM DE CONTOS DE TCHÉCOV

Luis Melo e seu Ateliê de Criação Teatral, de Curitiba, encenam no Espaço Sesc de Copacabana *Daqui a 200 anos*, espetáculo que reúne textos do russo Anton Tchécov. Em cena, figurinos neutros para dar vida aos personagens e suas loucuras, vitórias e angústias. A peça estréia dia 8 de abril.

————— (Teatro – pág. 6)

Histórias cantadas

O cantor e compositor Ivan Lins promete uma farra musical para comemorar seus 33 anos de carreira em *Cantando Histórias*, show que acontece no Canecão dias 9 e 10 de abril. No repertório, músicas que celebram parcerias inéditas (como *Renata Maria*, com Chico Buarque) e antigas.

————— (Show – pág. 7)

COLABORADORES QUE ACONTECEM

Mês quente para os colaboradores do ACONTECE NA CIDADE. Martinho da Vila lança o CD *Brasilatinidade* e Sérgio Britto dirige a ópera *Macbeth*, em cartaz a partir do dia 29 no Theatro Municipal.

————— (Música – pág. 14 e
Paulo Raider – pág. 16)

A sede da ONU no cinema pela primeira vez



Uma ameaça de morte a um chefe de estado de um país africano planejada para acontecer na Assembléia Geral da ONU é descoberta por acaso por uma tradutora. Este é o fio condutor de *A Intérprete*, filme dirigido por Sidney Pollack que traz Nicole Kidman e Sean Penn nos papéis principais. É a primeira vez que uma produção cinematográfica filma dentro da sede das Nações Unidas. A estréia está prevista para o dia 22 de abril.

————— (Cinema – pág. 10)



Expediente

Diretor-Executivo

Ricardo Oliveira Castro - MTB 22333

Editora Responsável

Fernanda Moreira - MTB 19652

Projeto Gráfico

Estratégica Comunicação

Diagramação

Ligia Moreira

Colaboraram nesta edição:

Amorim

Antônio Torres

Gloria Castro

Jorge Salomão

José Louzeiro

Leonardo Luiz Ferreira

Luis Pimentel

Paulo Raider

Sérgio Britto

Comercial

Ricardo: 9666-5469

E-mail para contato:

acontecenacidade@br.inter.net

© 2003 - Todos os direitos reservados. A opinião dos colaboradores é de responsabilidade dos mesmos. É proibida a reprodução do conteúdo desta publicação em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização expressa dos editores.

Índice

Editorial	pág. 2	Sétima Arte.....	pág. 8
Antônio Torres... ..	pág. 3	Sétima Arte.....	pág. 9
Literatura	pág. 3	Cinema	pág. 10
Vídeo/DVD	pág. 4	Sérgio Britto	pág. 11
Luis Pimentel	pág. 5	Artes Plásticas	pág. 12
Dança	pág. 5	José Louzeiro	pág. 13
Teatro	pág. 6	Música	pág. 14
Show	pág. 7	Aconteceu	pág. 15
Jorge Salomão	pág. 7	Paulo Raider	pág. 16

Editorial

Dia 23 de abril é o Dia Nacional do Choro. A data foi escolhida por ser também a de nascimento do maior dos chorões, Pixinguinha, que em 2005 faria 108 anos. O gênero musical que representa bem a alma brasileira surgiu aqui, no Rio, no final do século 19. *Brasileirinho*, de Valdir Azevedo (1923-1980), é considerado o chorinho de maior sucesso e ganhou projeção internacional ao ser gravado por Carmem Miranda. O ACONTECE NA CIDADE quer parabenizar todos aqueles que não deixam o choro morrer.. O pessoal do Bip, Bip do Alfredinho e a galera que faz da Lapa um grande palco. Cavaquinhos, flautas, violões, clarinetas, bandolins... O chorinho é lindo. Como disse Paulo César Pinheiro, no poema *Roda de Choro*: "O choro é como um vestido de roda que não segue moda, a moda não dura. O seu tecido é fino novelo, parece modelo de alta costura".





Antônio Torres

A volta de Carlinhos Oliveira

Para começar, digamos logo que esta volta se deve ao esforço de reportagem do escritor Jason Tércio, autor da sua biografia (*Órfão na tempestade*, editora Objetiva, 1999), ao lançar agora duas coletâneas de suas crônicas (*O homem na varanda do Antônio's* e *Diário Selvagem*), pela Civilização Brasileira. A dose dupla de Carlinhos Oliveira está sendo servida com sofreguidão.

O sucesso póstumo do célebre cronista do Caderno B do *JB*, falecido em 1986, aponta para uma certa nostalgia do tempo em que a imprensa carioca servia-se de cronistas bem palatáveis. E o Rio tinha bares que davam prazer de freqüentar, como o Antônio's, onde o Carlinhos pontificava, até mesmo quando foi obrigado a trocar o uísque por doses contínuas de chás das mais variadas ervas medicinais.

O Antônio's, que ficava na Bartolomeu

Mitre, no Leblon, era comandado pelo Manolo, que hoje vive em Santiago de Compostela. Ao contrário do que andam dizendo os desinformados, não era um botequim. Era, isso sim, uma casa cara, afamada pelo seu cardápio e pela sua freqüência lítero-artística. Reduto também da esquerda festiva, foi lá que Antonio Callado - aquele lorde que tanta falta nos faz - inspirou-se para escrever o seu romance *Bar Don Juan*.

Quando o Antônio's fechou, os últimos moicanos assentaram praça no Florentino, no final da General San Martin, que também já não existe. Aos sem-bar, recomenda-se uma passadinha no Bico Doce ou no Giuseppe, no centro da cidade, ao cair da tarde. De preferência, levando uma das antologias de crônicas do Carlinhos Oliveira, para puxar assunto em torno das estrelas que deixaram as noites cariocas para brilhar em outras galáxias.



Literatura

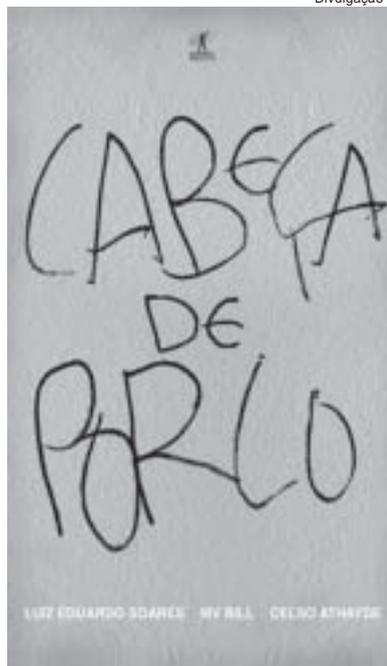
Casos reais

Rapper, empresário e antropólogo escrevem livro sobre crianças e jovens de favelas

O livro *Cabeça de Porco* é o resultado de um trabalho que reúne entrevistas e filmagens feitas por MVBill e seu empresário Celso Athayde nos últimos 15 anos em favelas de nove estados brasileiros sobre crianças e jovens que vivem no mundo do crime, suas razões e a dimensão humana de suas vidas. A esta pesquisa se associam os textos do antropólogo Luiz Eduardo Soares - um conjunto de registros etnográficos apurados ao longo dos últimos sete anos, sobre juventude, violência e polícia. Entrevistas qualitativas realizadas pelos professores Helio Raimundo Santos Silva e Miriam Guindani completam o quadro.

Celso e MVBill escrevem em primeira pessoa. Em diálogo permanente com os co-autores, Luiz Eduardo tece os textos, combinando interpretações com retratos fiéis de cenas vividas por personagens, todos verdadeiros, imersos em situações reais - ainda que sob nomes fictícios e em cenários ligeiramente alterados para lhes resguardar as identidades, como determina a ética de toda pesquisa social. Em alguns casos, não se furtou a reconhecer que era ele mesmo o protagonista. Tomou sua passagem por governos como oportunidades para observação e registro de episódios reveladores do funcionamento subjetivo e social da violência e da insegurança pública. (G.C.)

Divulgação



NA PRATELEIRA

Por Leonardo Luiz Ferreira - Membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro

email: leonardo@brasbyte.com.br

ESPECIAL: MÁ EDUCAÇÃO, DE PEDRO ALMODÓVAR



Almodóvar se transformou em uma celebridade no meio cinematográfico. A sua personalidade excêntrica influencia muito para isso. Mas também, sobretudo, pela escassez de grandes cineastas, com toques autorais e que tenham seus novos filmes aguardados com ansiedade por cinéfilos do mundo todo. Mas essa afirmação pode gerar a idéia de que seu trabalho se popularizou pois cedeu as exigências de mercado. Pelo contrário, a partir do razoável *A Flor do Meu Segredo* (1995) e do excelente *Carne Trémula* (1997), Pedro passa dos rascunhos anteriores, com exceções, entre elas *A Lei do Desejo* (1987), com imperfeições e algumas afetações estilísticas, para uma *mise-en-scène* magnífica, de habilidade narrativa e apuro técnico, que sabe dialogar com a platéia, atingindo não só a nichos específicos. O ápice dessa nova fase está na obra-prima *Fale com Ela* (2002), vencedor

do prêmio de roteiro original no Oscar, em que se utiliza abertamente da metalinguagem, aprofundando em sua nova película, e faz uma declaração de amor as mulheres. As expectativas em torno de *Má Educação* foram crescentes, porque se trata de um projeto pessoal do diretor, com tons autobiográficos, em um roteiro polêmico sobre o abuso sexual sofrido por crianças em escolas religiosas. Nas mãos de outro cineasta, a história poderia render o tal filme "chocante" que todos esperam, reservando em clichês de reformatório, na denúncia de

maus tratos, desconhecida pela minoria, e dessa forma poderia vencer um grande Festival, como o de Veneza que entregou seu Leão de Ouro a *Em Nome de Deus*, de Peter Mullan, que respira dessa cartilha supracitada. Entretanto, Almodóvar realiza um filme que ressalta a sua paixão pelo cinema - deixa isso bem claro nos últimos frames antes dos créditos finais - que se inicia na infância ao freqüentar uma pequena sala na Espanha para ver estrelas como Audrey Hepburn e em menor escala Sara Montiel. E não parte para a crítica óbvia aos educadores e seu ódio por eles, na verdade, não quer também se aproximar da religiosidade - coloca lado a lado o profano do sagrado, e questiona-os. O longa serve como o exorcismo dos temores, um reencontro com o passado que o remete a seu presente



como realizador. A direção de seu olhar toma forma com uma composição pictórica, um dos seus elementos indispensáveis, com cores berrantes, como paredes vermelhas, e roupas extravagantes, com o auxílio nos figurinos do estilista Jean Paul Gaultier. Em contraponto, a sobriedade de tons da Igreja, das vestimentas discretas dos padres, estudantes e de pessoas comuns. Os planos são bem cuidados e realçam detalhes a cada seqüência: os braços afoitos de crianças nadando; a troca de olhares inocentes e apaixonados; e um simples passeio seguido de um mergulho em uma piscina representa mais sexualidade do que todas as muitas e desnecessárias cenas de sexo do filme. Os artifícios metalingüísticos, que são muito bem utilizados, permitem um excelente jogo cênico com a leitura do roteiro no tempo real da ação vista na tela e o filme dentro do filme. Exatamente, quando abandona o núcleo romântico e decide se aprofundar nas referências é que Almodóvar se perde. Na meia hora final, a fluência narrativa sofre uma quebra e a trama envereda para o gênero policial - com inspiração e homenagem ao cinema *noir*, vide o pôster de *Pacto de Sangue*, de Billy Wilder, responsável por uma ironia referencial a cena em questão. O cineasta não demonstra a mesma habilidade e para se permitir a entrada no gênero acaba concluindo, sem criar o clima que apenas ressoa no ar, e deixa mal resolvido o envolvimento dos três personagens principais e as conseqüências do seu desdobramento. Letreiros tentam explicar o que poderia ter sido encenado ou pelo menos melhor desenvolvido. Mesmo assim, o cinema continua sendo sua religião e ele um dos poucos realizadores hoje a conseguir compreendê-lo.

Má Educação (La Mala Educación) Direção: Pedro Almodóvar Elenco: Gael García Bernal, Fele Martínez. Cotação: bom. Espanha, 2004, Drama.



Luís Pimentel

Cena carioca

O velho mora em Copacabana, mas se encontra com a moça na saída do Metrô do Estácio. Puxa a moça para debaixo do guarda-chuva e oferece uma balinha embrulhada no papel de propaganda da churrascaria. O sorriso sonso das outras vezes, a mão no cabelo cheio de creme, atravessa a rua em direção ao hotel costumeiro, pertinho da Praça Onze.

A recepcionista dá boa-tarde e estende a chave do quarto, “o de sempre”. Antes de qualquer coisa, a moça quer saber se o velho trouxe o dinheiro que prometeu para comprar o remédio da filha dela. O velho diz que quando chegar lá em cima, no quarto, conversa sobre o assunto.

– Lá em cima uma pinóia! Vamos resolver logo essa história aqui embaixo mesmo, senão não subo nem um degrau dessa escada – berra a moça, forçando para baixo a barra da minissaia.

O velho diz que ela é geniosa e

interesseira. Diz mais um monte de bobagens, mas entrega o dinheiro do remédio da menina. “Isso é o que importa”, pensa a moça, tascando um beijinho burocrático no rosto enrugado do velho. Em seguida sobe as escadas na frente dele, remexendo as cadeiras. O velho acompanha a moça, feliz da vida, assoprando e tossindo a cada degrau escalado.

“Como é que essa peste ainda se mete a procurar mulher?”, pensa a moça.

No quarto, o cheiro de mofo é inconfundível. A moça abre a única janela, por onde consegue avistar o relógio da Central do Brasil, e sacode a roupa de cama. O velho senta-se na cadeira ao lado da janela e começa a assoprar a bombinha de asmático. A moça espera pacientemente a crise passar. Afinal de contas, a essa hora não tem movimento mesmo, lá fora está chovendo e o dinheirinho do remédio da filha já está garantido.



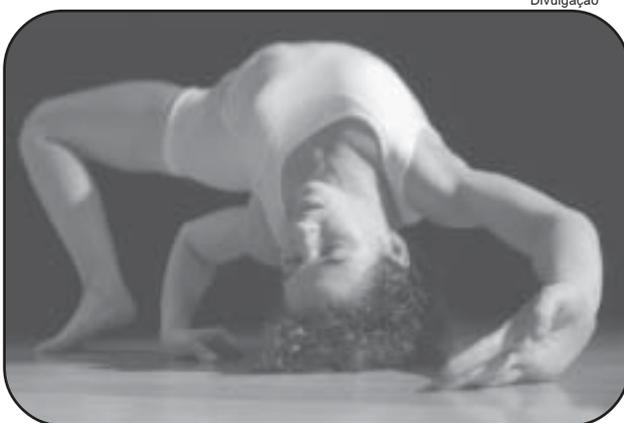
Dança

Quatro movimentos

Centro Cultural Banco do Brasil respira dança em abril

Em abril, a dança ocupa o palco do Teatro 2 do Centro Cultural do Banco do Brasil com quatro espetáculos inéditos e especialmente criados para estrear no Rio de Janeiro.

O grupo goiano Quasar abre a série com *Só tinha de ser com você*, coreografia baseada no disco *Elis e Tom*. A carioca Flávia Tápias aceita em *5 Coreógrafos para um Corpo* o desafio de interpretar cinco coreografias assinadas por nomes de peso, e ainda submeter o corpo do bailarino às considerações de uma psicanalista, um filósofo e um coreógrafo. O diretor de teatro Eduardo Wotzik recolhe fábulas e lendas dos cinco continentes para debater *Ética* através dos movimentos de sete bailarinos. E a brasileira Catharina Gadelha apresenta um espetáculo que traz ao palco a representação



Divulgação

das vítimas anônimas da violência pelo mundo todo. Os espetáculos são sempre de quarta a domingo, às 19h. O preço dos ingressos (R\$ 6 e R\$ 3) tornam a temporada acessível aos bolsos. **(G.C.)**

Veja mais fotos em cores no site



Contos de Tchécov

Luis Melo e seu Ateliê de Criação Teatral encenam *Daqui a 200 anos*

Estréia dia 8 de abril no Espaço Sesc, em Copacabana, a peça *Daqui a 200 anos*. O espetáculo traz Luis Melo à frente de seu Ateliê de Criação Teatral, de Curitiba, interpretando uma colagem de contos do russo Anton Tchécov (1860 - 1904). É a retomada na ênfase à palavra através dos textos. Tchécov era jornalista e cronista e levou à cena personagens comuns com suas angústias, vitórias e loucuras.

O espetáculo trabalha com três contos que não fazem parte da obra dramática: *O amor*, *O caso do champanhe* e *A brincadeira*. Em cena, figurinos neutros, tablado coberto com madeira de demolição, a oralidade redescoberta através dos recursos dos atores. Além de Melo, o elenco é formado por Janja, André Coelho, Carolina Fauquemont e Edith Camargo (esta, produzindo também a música com seu acordeão). A direção de Marcio Abreu. O espetáculo fica em cartaz até o dia 17 de abril. **(G.C.)**



Divulgação

Genet no CCBB

Os negros ganha montagem bem-humorada

Um dos mais importantes textos do autor francês Jean Genet (1910-1986), *Os Negros* reúne no palco do Teatro I do CCBB treze atores negros divididos em dois grupos: os que aparecem como eles mesmos e os mascarados que representam homens brancos. Escrita em 1958, a peça foi classificada pelo próprio Genet como uma palhaçada e, por isso, o diretor Luiz Antônio Pilar optou por fazer um espetáculo bem-humorado. Não há estrutura de texto com começo, meio e fim.

Jean Genet teve uma vida atormentada e isso se traduziu em sua obra. Foi abandonado pela mãe e adotado por uma família camponesa aos dez anos, foi internado num reformatório depois de ter sido acusado de roubo. Jovem, chegou a ser preso, e na carceragem escreveu o romance *Nossa Senhora das Flores* (1944). O livro chamou a atenção de Jean-Paul Sartre. A polêmica sobre Genet aumentou com o romance *Querelle* (1947), que Fassbinder transformou em filme, e com a autobiografia *Diário de um ladrão* (1949), cuja escabrosa franqueza - o autor se proclamava abertamente homossexual -



Jean Genet

Divulgação

causou escândalo. Outros textos de Genet: *As Criadas* (1947), *O balcão* (1956) e *Os biombos* (1961). **(F.M.)**

PROCURADO

Você tem boa comunicA,,o e vontade de trabalhar?



Seja um Contato Publicitário
Recompensa: comissões de 20%
sem horário nem metas para cumprir
LIGUE:
2527-5519 / 9666-5469 - Ricardo



Jorge Salomão

“Amo os grandes rios que são profundos
como a alma de um homem”

Guimarães Rosa.

Dentro de cada um /
Tem mais mistérios /
Do que pensa o outro /
Uma louca paixão /
Avassala a alma /
O mais que pode/

○ ○ ○

Estamos no meio do atoleiro, na estrada, cortando o corpo do mundo. Tá difícil encontrar uma saída, complicado trilhar tão sem perspectivas. Refletindo: será que pedaços não ficam pelos caminhos? É difícil e temos que seguir inteiros. Será que vamos conseguir? Rota escura, às vezes clara no pensar, incessante interrogação no vasto calidoscópio da linguagem: ser tudo ou ser nada? Confluências berrantes onde posições se estratificam. Espalhar sementes por vários solos. Um mundo melhor é possível? Tem horas que ficamos tomados por um desespero que dá medo. Tá na luta que tá a zero, quem quer viver, fazer o sol brilhar.

○ ○ ○

A caneta desenha sobre o papel. Um desenho mágico sobre o espaço limpo do papel. Sujar, rabiscar, escrever. Ser atuante no palco, no panorama onde a caneta, o

lápiz, a tecla é a estrada. Ser um bi-motor da imaginação. Pensar, pensar, pensar e atuar.

○ ○ ○

Meditando: nem tudo que reluz é ouro. Vendo um papel dourado e a luz que sobre ele gerava faíscas que se alastravam pelo quarto afora. Meditando: algo tem que acontecer. Não é possível tanto sufoco, tanta pressão. A questão maior da violência são as desigualdades sociais: uns com tanto, outros sem nada, que se espalham numa velocidade estúpida sem controle. É preciso dar um basta, gerando equilíbrio para podermos prosseguir sem mágoas e confiantes atingir a felicidade maior enquanto vida, enquanto nação, enquanto gente. Meditando: olhando pros quatro cantos da casa e pensando estratégias para seguir, seguir adiante, seguir.

Meditando sobre o caos, sobre a estupidez que se abate sobre o planeta inteiro. Meditando sobre o vazio tomando conta. Por mais que se estabeleçam pontes, por mais que...

Meditando sobre o oposto, a densa mata, o breu. Meditando e pedindo que o horror não tome conta de tudo. Um dia depois do outro: o amanhecer, o anoitecer.



Show



Ricardo Poock

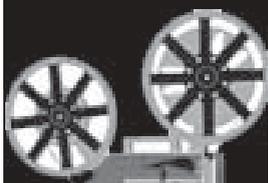
A farra musical de Ivan Lins

Cantor celebra 33 anos
de carreira cantando histórias

O cantor e compositor Ivan Lins sobe ao palco do Canecão dias 9 e 10 de abril para apresentar *Cantando Histórias*, show que leva o nome de seu novo CD, classificado por ele como “uma farra musical”. O novo trabalho comemora os 33 anos da carreira do artista e celebra parcerias inéditas, como a com Chico Buarque em *Renata Maria*, parcerias recentes (com Chico Bosco e Celso Viáfara) e outras mais

conhecidas, como as de Ivan com Vitor Martins, Paulo César Pinheiro, Aldir Blanc, Abel Silva e Martinho da Vila. No repertório, muitas canções reconhecidas pelos fãs já nos primeiros acordes, como *Abre Alas*, *Somos Todos Iguais esta Noite*, *Desesperar*, *Jamais*, *Aos Nossos Filhos*, *Cartomante*, *Iluminados*, *Soberana Rosa*, *O amor é o meu país* e *Vitoriosa*, entre outras. Ivan Lins vai mostrar, ainda, o inédito *Samba da Paz*, uma de suas primeiras incursões em letra e música, dedicada ao movimento dos homens pelo fim da violência contra as mulheres. **(F.M.)**

Fotos em cores no site



Entrevista com LÚCIA MURAT

O circuito carioca de cinema no mês de abril tem como destaque três importantes estréias nacionais: o bom **Jogo Subterrâneo**, o retorno a direção de Roberto Gervitz, de **Feliz Ano Velho**, após 17 anos; **Cabra-Cega**, de Toni Venturi, com previsão de estréia para 15 de abril, que contrasta imagens fortes e poéticas do período da ditadura militar, com participação de Chico Buarque na trilha sonora; e o ótimo **Quase Dois Irmãos**, de Lúcia Murat, que conquistou prêmios nos festivais por onde passou e é, até o momento, o melhor filme nacional de 2005. Na entrevista abaixo, a cineasta Murat revela um pouco sobre a gênese do projeto, além de avaliar o cinema político e adiantar seus dois próximos projetos.

LEONARDO LUIZ FERREIRA - No ano 2000, eu entrevistei a senhora durante o lançamento de **Brava Gente Brasileira** no Festival do Rio e até esse momento ainda não havia um novo projeto. Quando exatamente surgiu a idéia para a realização de **Quase Dois Irmãos**?

LÚCIA MURAT: Na verdade já havia um novo projeto. Eu tinha escrito um argumento em 1998 e fiz também uma primeira versão do roteiro com o escritor Paulo Lins. Parei para realizar o **Brava Gente Brasileira** e retomei em 2001 até se transformar na versão final de **Quase Dois Irmãos**. Desde o início já existia a questão da fragmentação da cronologia e do quebra-cabeça. Com o tempo muitos personagens e histórias foram desaparecendo, mas a concepção se manteve intacta.

LEONARDO LUIZ FERREIRA - No livro **Cidade de Deus**, que depois se tornou um filme dirigido por Fernando Meirelles, o escritor Paulo Lins demonstrou domínio



Divulgação

narrativo e conhecimento de causa. Como surgiu a parceria com ele para o novo longa-metragem?

LÚCIA MURAT: O engraçado é que podem pensar que conheci o Paulo Lins após o estouro do filme **Cidade de Deus**. E não foi. Eu o conheci em 1998 durante uma série de debates em Porto Alegre sobre a temática Violência e Cultura. O livro dele tinha sido recém-lançado e o convidei para o projeto do **Quase Dois Irmãos**. Precisava dele para o longa. Necessitava de sua visão sobre o outro lado, o carne-e-osso do cotidiano de uma favela e de seus moradores.

LEONARDO LUIZ FERREIRA - A narrativa de **Que Bom Te Ver Viva**, seu longa de estréia, está entremeada com depoimentos de torturadas e um monólogo

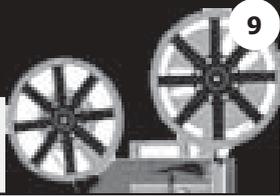


Tá olhando o quê?
Anuncie: 9666-5469
Ricardo
anúncios a partir de R\$ 60,00

AQUI VOCÊ ENCONTRA O MELHOR DA MPB
www.revistamusicabrasileira.com.br



REVISTA
MÚSICA BRASILEIRA
A revista que fala a nossa língua.



interpretado de forma brilhante pela atriz Irene Ravache. Além disso, a questão formal é pautada por imagens de época, fatos e fotos. Em **Quase Dois Irmãos** há apenas letreiros que delimitam a época, que só aparecem uma vez, apresentados fora de ordem cronológica. A diferenciação vem por intermédio da excelente variação de tonalidades e filtros na fotografia de Jacob Solitrenick. Por que essa opção?

LÚCIA MURAT: Desde o princípio a narrativa era o quebra-cabeça. O filme discute o presente e, claro, o futuro, mas é mais voltado para o passado e para uma reflexão crítica do período. O olhar é outro. Eu parti de um viés atual que foi o choque da descoberta de adolescentes de classe média e alta que sobem o morro para manter relacionamentos, amorosos ou amistosos, com traficantes. A partir daí tentei dar um tratamento circular e abordar diversas questões tendo como foco principal a desigualdade social. Eu fiz várias reuniões com o Jacob, diretor de fotografia, até encontrarmos o tom certo, tanto de fotografia quanto de câmera, para retratar as diferentes épocas que o roteiro percorre. Sendo assim, nos anos 50 há um ar nostálgico e coloração pastel, além de tomadas de planos clássicos; nos anos 70 retira-se ao máximo as cores e os planos fechados da cadeia e o frenesi de cada personagem; e na década de 90 coloca-se o estouro das cores e uma câmera e montagem nervosa para buscar retratar a agitação do jovem.



Divulgação

uma reflexão compartilhada por vários cineastas, mas não há um movimento por trás, uma unidade. Por exemplo, **Os Sonhadores**, de Bernardo Bertolucci, é uma história da descoberta de três personagens jovens que poderia ter qualquer pano de fundo, não necessariamente o maio de 1968. Houve uma frustração natural por parte de uma geração que se reflete em melancolia e na perda do engajamento. Passados mais de 20 anos do processo de democratização brasileiro e a desigualdade social é igual ou

maior do que no período militar. Isso é algo para se refletir.

LEONARDO LUIZ FERREIRA - Para finalizar, qual será o seu próximo projeto?

LÚCIA MURAT: Já tenho dois projetos encaminhados: um documentário sobre o olhar estrangeiro, de como o cinema internacional, utilizando-se de clichês, retrata o Brasil; e o meu próximo longa será um musical rodado inteiramente em uma favela. Um trabalho árduo, mas é um dos meus sonhos.

LEONARDO LUIZ FERREIRA - Já que a temática política é pertinente. O que pensa sobre o cinema panfletário de Michael Moore, diretor de **Tiros em Columbine**? E o cinema político na atualidade como um todo? Até cineastas engajados como o britânico Ken Loach, que fez o romance de conflito étnico **Apenas um Beijo**, já suavizam seu cinema e sai do foco político....

LÚCIA MURAT: O cinema de Michael Moore tem uma função relevante dentro dos Estados Unidos. Acho interessante a sua existência, mas não me atrai em nada, nem estética nem artisticamente. O maniqueísmo funciona lá porque é uma sociedade dividida. Nos anos 60 vivia-se profundamente a política. Havia uma efervescência cultural que hoje não existe. Os filmes faziam parte de movimentos. Nos dias atuais, existe mais

DeMillus
www.demillus.com.br/rev
Revenda direto da Fábrica
 Peça seu catálogo
Ligue Grátis!
(0800) 21-2115
 2ª a Sábado de 8:30 às 18h
 Tenha em mãos CEP e CPF
 Somente c/SPC sem negativas



Ameaça de morte em dialeto africano

Nicole Kidman protagoniza *A Intérprete*

Estréia dia 22 (previsão) a mais recente obra do diretor Sidney Pollack: *A Intérprete* (*The Interpreter*), com Nicole Kidman e Sean Penn. O filme conta a história da intérprete das Nações Unidas, Silvia Broome, que ouve por acaso uma ameaça de morte a um chefe de estado de um país africano, planejada para acontecer na Assembléia Geral da ONU. A ameaça foi feita num raro dialeto que Silvia, nascida na África, entende.

Protegida pelo agente federal Tobin Keller, a vida de Silvia transforma-se num pesadelo. O policial passa a desconfiar de sua testemunha e a protege à medida que mergulha no passado de Silvia e em seu mundo secreto de conexões internacionais, passando a suspeitar que a intérprete esteja envolvida na conspiração. *A Intérprete* é o primeiro filme a ter autorização para filmar dentro na sede da ONU. **(G.C.)**

Veja mais fotos no site



Divulgação

Road movie e sexo

Cena de *The Brown Bunny* scandalizou Cannes

Com estréia prevista para a primeira quinzena de abril, *The Brown Buddy* conta a história de Bud Clay, um piloto de motocicletas que atravessa os Estados

Divulgação



Unidos para tentar superar a perda de Dayse, o grande amor da vida dele. Em suas intermináveis voltas, ele conhece muitas garotas, mas acaba sempre sozinho porque não consegue mais ter uma relação de ternura. O filme é protagonizado e dirigido por Vicent Gallo e traz no elenco Chloe Sevigny, responsável pelo momento mais ousado da trama: uma cena de sexo oral que provocou escândalo no Festival de Cannes do ano passado. A atriz declarou que a tal cena não foi simulada. **(F.M.)**

Visite nosso site

www.acontecenacidade.com.br



Sérgio Britto

O que eles pensam ou pensaram, julgam ou julgaram uns dos outros – parte 1

NELSON RODRIGUES

O meu amigo, amigo de graça e amigo, antes de tudo por ser tricolor como eu, tinha adoração por Eugene O'Neill, um motivo a mais para as nossas afinidades. E ele também não gostava de filme cabeça, típico de um *nouvelle vague* francesa, e com certeza, não gostava de Jean Luc Goddard, como eu. Nelson dizia que o Goddard no time dele não jogava nem de gandula. Honestamente, eu acho que Goddard fez alguns filmes bons: *O apossado*, *Vevre savi*, *La chinoise*, *Desprezo*, os que eu detesto são tantos que eu não vou nem citar.

Na revista Bravo, de setembro de 2004, colhemos material muito divertido sobre o nosso querido autor. Nelson era freqüentador assíduo de cinema desde criança. Adorava *Ben-Hur*, *E o vento levou*, e adorava acima de tudo Cécil B. de Mille, a quem defendia contra a crítica mais erudita: "Cécil B. de Mille, histórico ou bíblico, eu adoro, e adoro", reconhecendo o *kitsch* que ele era. Agora, o filme que Nelson mais gostava mesmo, o que mais o empolgou foi *O concuda de Notre Dame*.

E gostava muito de faroeste. Dizia: "Não há faroeste ruim". Aí, não estou inteiro com Nelson. Eu gosto de alguns faroestes. Os

de John Ford, por exemplo, estão na minha memória os inesquecíveis *Rastros de ódio*, *No tempo das diligências* e *Quem matou o facinora*. Ford ruim eu acho que não há, mas pode ter ficado datado, pode não interessar mais, mas ruim não é não.

Nelson não gostava de cinema italiano, considerava *Cidadão Kane* um Pirandello de subúrbio, o que pode ser injusto, mas uma boa piada. Detestava Brecht, como, aliás, detestava toda a esquerda. Nelson adorava *Toda a nudez será castigada*, com Darlene Glória. Achava Jabor o maior diretor e Jabor respondia dizendo que Nelson era o maior escritor do ocidente. Tudo isso é informação do Sérgio Augusto, na revista Bravo.

Agora, quando Neville de Almeida fez *A dama do loteação* e *Sete gatinhos*, Nelson passou a adorá-los e esqueceu um pouco Jabor. Aliás, informação do Sérgio Augusto, algumas curiosidades: ele descobre nos filmes de Nelson influências de filmes estrangeiros. Ele admite que *Boca de ouro* parece filho de *Cidadão Kane* com *Rashmon*.

É na *Mulher sem pecado*, segundo Sérgio Augusto, o sonho que Salvador Dali criou para *Quando fala o coração*, de Hitchcock, não aparece nitidamente, mas a idéia esta lá, sem dúvida.

PARADISE apresenta
www.paradisearte.com.br
Mise en Scène Cia Teatral

A Fantasia do Pinóquio
(Inspiração na obra de Carlo Collodi)

TEATRO
CLARA NUNES
Theatryng de Gerson

SÁBADOS
E DOMINGOS
17:00 HORAS

Traga este anúncio e pague apenas R\$12,00*
*Preço promocional não cumulativo



Buffet Isidro Rodrigues
Eventos e Recepções em Geral
Tradição de mais de 40 anos

Desejamos a todos que 2005
seja uma festa!

Rua David Campista, nº 35
Humaitá - Rio de Janeiro - CEP: 22261-010
Tel.: 2539-1586 Telefax: 2527-6685



Telas tingidas

Mostra reúne infiltrações de Niura Machado

Divulgação

Onze trabalhos inéditos da pintora Niura Machado Bellavinha, um dos nomes mais importantes das artes plásticas brasileiras surgidos depois dos anos 80, inauguram dia 12 de abril a temporada de 2005 do espaço Arte 21 Galeria. As telas foram todas produzidas esse ano especialmente para a exposição. Niura, que sempre trabalha com o vermelho, vai mostrar variações cromáticas da cor.

O título da exposição, *Infiltrações*, revela para o público o processo criativo da artista, feito em ateliê e com uma técnica própria. Niura aplica a pasta de tinta na parte de trás da tela, “empurrando” e “infiltrando” essa massa de tinta para o outro lado do tecido com a ajuda de um jato de ar comprimido e água. Nesse processo, a tinta “tinge” a tela. Em formatos variados – verticais, horizontais e quadrados



– as obras terão, pela primeira vez, o tom do azul. O Arte 21 Galeria fica o Shopping Cassino Atlântico, em Copacabana. A mostra pode ser vista até o dia 21 de maio. **(G.C.)**

Fotos em cores no site

Misticismo em movimento

Bernardo Pintanguy expõe em Copacabana

Divulgação

Movimento em cores é o nome da exposição do pintor Bernardo Pitanguy que a Galeria Patricia Costa, no Shopping Cassino Atlântico, exhibe ao público a partir de 7 de abril. São 14 telas com linguagem abstrata, cheias de misticismos, simbolismos e componentes cabalísticos que mostram um pouco da personalidade do artista.

As telas de Pitanguy não são tituladas. Ele prefere deixar livre a imaginação do espectador, com trabalhos de cores fortes, pinceladas grossas, manchas, símbolos e luminosidade. “Acho que um nome levaria o público a olhá-las de uma maneira determinada. Prefiro que os movimentos das cores tomem vida no imaginário de cada um”,



explica o artista, que busca inspiração em Kandinski, Miró e Chagall. **(G.C.)**

Fotos em cores no site



Você estudou no Anglo, na década de 70? Quer reencontrar amigos antigos? Que tal fazermos uma grande festa? e-mail para: pooock@domain.com.br

Oficina Literária
com Luis Pimentel

- Prosa Verso
- Infante Juvenil
- Texto de humor

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES / MYRRHA COMUNICAÇÃO
☎ 2220-4609
2215-7090 - 9648-9910
myrrha@centroin.com.br



**José
Louzeiro**

Nasce uma editora

Estarei entregando este mês, à Editora República, os originais da biografia de André Rebouças que escrevi na década de 60. Agora, numa segunda edição, revista e melhorada, sairá com o selo da Editora República, que inicia suas atividades publicando livros populares, vendidos a preços baixos, em bancas de jornais.

O diretor da editora é o Ricardo Vieiralves que, também, preside o Museu da República. As atividades editoriais se iniciarão com uma série de publicações que farão o resgate de figuras históricas, empurradas para o esquecimento por motivos políticos ou até, mesmo, por simples intrigas pessoais como foi o caso de André Rebouças.

Defensor intransigente da libertação dos escravos e engenheiro que realizou muitas obras na capital da corte (Rio de Janeiro), tendo participado da Guerra com o Paraguai, condenava a ação de certos chefes-militares brasileiros que foram para lá visando enriquecer. As críticas eram duras e o que mais preocupava os criticados: o engenheiro mantinha contatos diretos com o imperador Pedro II e com sua filha a princesa Isabel.

Rebouças acreditava na recuperação do regime imperial brasileiro, desde que o imperador conseguisse livrar-se da classe política corrupta e dos militares oportunistas que só se movimentavam em defesa de seus próprios interesses.

Por isso, a situação política de André Rebouças, também chamado "Mauá negro", era das mais singulares: sendo abolicionista e criador de associações que

pregavam a libertação dos escravos pelos quatro cantos do país, colocava-se junto aos republicanos mais radicais, embora acima disso estivesse sua amizade pelo imperador Pedro II e a grande admiração que mantinha por Isabel, uma espécie de paixão no melhor estilo platônico.

Por isso, quando os republicanos de 15 de novembro de 1889 promoveram a derrubada do regime monárquico, forçando a fuga da família imperial, Rebouças não pensa duas vezes: vai junto com os fugitivos, na esperança de melhores contatos com Isabel, o que jamais aconteceu, embora seu marido o conde d'Eu não demonstrasse por ela a menor afeição. Viviam juntos, na condição de marido e mulher, por interesses políticos, nada mais.

Com a morte de Pedro II (Paris, 1891) Rebouças deixa Lisboa. Vai viver em Funchal, Ilha da Madeira, onde funda uma escola para alfabetização de jovens e lá mesmo morre ou é morto (1898), de maneira misteriosa.

A respeito dessa personagem, que naqueles tempos chegou, inclusive, a defender a reforma agrária, nada nos contam os historiadores oficiais. É como se ele nunca tivesse existido, o que nos faz lembrar: Nelson Werneck Sodré estava mais que certo; é necessário e urgente que se comece a escrever a História Nova deste país. A História Velha virou repositório das memórias dos corruptos e espertalhões que, mortos, são exaltados pelos escribas, a ponto de se tornarem heróis e até santos, costume esse que segue em prática.



Video Locadora

PARADISE

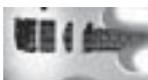
13 anos de fortes emoções

• CLÁSSICOS • CULTS • NACIONAIS •
• EUROPEUS • FILMES GLS • DVD •
• LANÇAMENTOS •

www.paradisevideo.com.br
☎ 2255-1025 ☎ 2257-2315 ☎

Segunda à sábado de 10:00 às 22:00h.
Domingo de 14:00 às 20:00h

Rua Figueiredo Magalhães, 581/C
Copacabana



A latinidade de Martinho

CD do sambista tem participações de cantoras italiana e espanhola

O sambista gente boa e colaborador do ACONTECE NA CIDADE, Martinho da Vila, lança em abril *Brasilatinidade*. Gravado no Brasil e na Europa, o CD reúne músicas de países de língua latina, como *Um beijo, um adeus*, em duo com a italiana Mafalda Minozzi, e *La casa en el aire*, com a participação da espanhola Rosário Flores. Mas o repertório não deixa de fora a nossa língua. Marinho gravou *Suco de Maracujá*, música dele em parceria com João Donato, *Feitiço da Vila*, de Noel Rosa e Vadico e *Roda de Samba no Céu e sob a Luz do Candeeiro*, de Martinho e Nelson Cebola. O sambista musicou *Dentre Centenas de Mestros*, um poema romeno traduzido para o português por Luciano Maia. Uma curiosidade: 75% do vocabulário romeno são de origem latina.

Esta não é a primeira vez que Martinho da Vila inova ao cantar em outras línguas.



Ricardo Poock

Em 93, lançou *Conexões* com sucessos recriados em francês: *Devagar*, *Devagarinho* virou *Lentement*, *Mulheres*, *Femmes*, *Disritmia*, *Dysrythmie* e *Canta, Canta, Minha Gente*, *Chant, Chant Mon Peuple*. **(F.M.)**

Fotos em cores no site

Enfim, a nova de Chico

Leila Pinheiro grava a esperada Renata Maria

Leila Pinheiro inaugura a parceria em Ltre Chico Buarque e Ivan Lins em *Renata Maria*, canção mais esperada do CD *Nos horizontes do mundo*, nas lojas este mês. A gravação é em duo com Chico. A canção que dá nome ao disco é um samba de Paulinho da Viola. Outras inéditas: *Tiranizar*, de Caetano Veloso e Cezar Mendes, *Gozos da Alma* (Francis Hime e Geraldo Carneiro), *Deu o que deu* (Joyce e Luiz Tati) e *A vida que a gente leva*, de Fátima Guedes). O trabalho traz ainda

uma regravação de *Minha Alma*, do Rappa. A música tem uma citação de *Juízo Final* na voz do autor Nelson Cavaquinho. **(F.M.)**

Fotos em cores no site



Ricardo Poock

Ricardo Poock
Fotografia Profissional

Aniversário, Batizado, Reportagens,
 Feiras e Eventos em geral.
 poock@domain.com.br
 2527-5519 / 9668-5469

Fotos: Ricardo Poock



DOSE DUPLA DE SAMBA



Dia 17 de março, o Auditório do BNDES foi o palco de uma apresentação dessas que estão precisando ter uma maior visibilidade no cenário cultural carioca. Num show de Samba de Raiz e de Partido Alto, o encontro entre a cantora Tania Malheiros e o compositor Xangô da Mangueira foi uma festa, uma celebração das tradições da boa música brasileira.

Do alto dos seus 82 anos, Xangô ainda encontra energia para subir ao palco das casas noturnas da revitalizada Lapa e, junto com Tania, lotar todas em que se apresentam. É a renovação do samba. A tradição e a genialidade do grande compositor misturadas à vitalidade e à força de interpretação da cantora disseminam o bom e "velho" samba e mostram a um público cada vez maior e mais interessado as grandes obras do nosso passado musical.

Tania Malheiros é jornalista competenteíssima, chegou a ganhar um Prêmio Esso de Jornalismo. Na música, foi influenciada pelo pai, o cavaquinista Múcio de Sá Malheiros, com quem cantava desde a infância. Tania deixa transparecer quando está no palco toda essa experiência acumulada. A emoção no ato de cantar, o respeito pelos grandes mestres e a alegria são, para mim, os três principais elementos que, associados a uma voz educada e agradável, trazem o sucesso tão merecido.

No repertório dessa dupla, clássicos do samba brasileiro, verdadeiras obras-primas de nomes como Wilson Moreira, Nei Lopes, Délcio Carvalho, Wilson das Neves, Dona Ivone Lara, Cartola, Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaca e do próprio Xangô, é claro.

Tania Malheiros ontem era uma promessa. Hoje, uma realidade. **(R.P.)**

VISITE O NOSSO SITE www.acontecenacidade.com.br, cadastre-se e concorra cestas da DeMillus contendo:

Promocão
DeMillus

♦1 caixa organizadora ♦1 sutiã ♦1 biquine
♦1 camiseta ♦1 colônia ♦1 batom ♦1
delineador ♦1 rímel ♦1 hidratante
corporal ♦1 creme p/mãos e ♦1 óleo corporal).



Paulo Raider

e-mail para esta coluna: praider@ig.com.br

Divulgação



► **PODEROSA.** A bailarina e professora de dança árabe Maira Mattar está causando furor e polêmica na Lapa. A dançarina, que foi coreógrafa da atriz Cristiane Torloni, está se apresentando todas às sextas-feiras, às 20 horas, no Toshio Sushi, na Men de Sá, com um solo em homenagem ao antológico Cartola. Acompanhada dos músicos Marcelo Lopes e Niágara Cruz, Maira esbanja sensibilidade na coreografia feita especialmente para música *As rosas não falam*. Vá e confira.

Divulgação



► **NA CRISTA.** O artista plástico Perez está com tudo. Ao completar três décadas de atividade profissional, o artista estará realizando em abril três exposições simultâneas do seu trabalho: *Speculatto*, no Paço Imperial; *Impressões da Arte*, no Centro Cultural Cândido Mendes Ipanema e *Amaro Perez desenhos e tonergrafias*, na Galeria Anita Schwartz. Conhecido por seus desenhos a grafite, o artista apresentará ao público 14 obras inéditas produzidas em 2004.

► **GIL NA DELAS.** O ministro e compositor Gilberto Gil está rodeado de mulheres, e que mulheres. Calma, eu explico. Está no forno,

sai este mês, uma coletânea com os maiores sucessos do baiano, interpretado só por divas da MPB. Com o sugestivo nome de *Gil na delas*, o CD destaca uma versão inédita da música *Procissão*, gravada por Olívia Byigton, além do dueto formado por Miucha e Bebel Gilberto em *Cálice*. *Gil na delas* traz ainda Gal Costa (*Se eu quiser falar com Deus*), Maria Bethânia (*Viramundo*), Zizi Possi (*Copo Vazio*) e Fafá de Belém (*Preciso Aprender a só Ser*), entre outras.

Veja as fotos no nosso site:
www.acontecenacidade.com.br

► **MACBETH.** Nosso queridíssimo Sérgio Britto, grande ator e grande colaborador do ACONTECE NA CIDADE, dirige *Macbeth*, ópera de Verdi que estréia dia 29 de abril no Theatro Municipal. Baseada na história homônima de Shakespeare, é uma das obras mais sonhadas por todos os cantores do mundo. A proeza vocal de seus dois personagens principais leva o público ao delírio. Com a orquestra e o coro do Theatro. Promete!

► **AUTOBIOGRAFIA.** Pelé, enfim, vai contar tudo. O rei do futebol assinou contrato com a editora Simon&Schuster para escrever sua tão esperada autobiografia. Com cifras não reveladas, o livro *Pelé: a autobiografia* deve chegar às livrarias, para desespero dos fãs, só na Copa do Mundo de 2006.

Divulgação



► **SUCESSO VIRTUAL.** Nossa página na internet (www.acontecenacidade.com.br) só tem nos dado alegria. Com menos de um aninho de existência já alcançou o número de 10.000 visualizações! Para comemorar, já estamos fazendo uma reformulação geral e, em breve muitas novidades pintarão no pedaço. Modéstia à parte, nós merecemos.